

***A Historische Zeitschrift* e a historiografia alemã do século XIX**

The Historische Zeitschrift and the 19th century German historiography

Julio Bentivoglio

Professor Adjunto
Universidade Federal do Espírito Santo
juliobentivoglio@gmail.com
Av. Fernando Ferrari, 514
29069-900 - Vitória - ES
Brasil

Resumo

Este artigo contempla a historiografia alemã, durante a segunda metade do século XIX, através da análise dos artigos publicados na revista criada por Heinrich von Sybel em 1859. Tomando o periódico como um objeto de investigação, busca-se entendê-lo como parte do processo de institucionalização da história em um campo que reúne diferentes escolas históricas, delineando um perfil da ciência histórica germânica até 1900. É realizada uma caracterização, em linhas gerais, dos recortes geográficos, dos países abordados, das áreas privilegiadas, dos domínios da história mais visitados, das temáticas preferidas e são indicados os principais historiadores que colaboraram na *Historische Zeitschrift*.

81 Palavras-chave

Historiografia alemã; Pesquisa em história da historiografia; Século XIX.

Abstract

This text looks the German historiography during the second half of the 19th century from the analysis of articles published in the review created by Heinrich von Sybel in 1859. Taking the journal as an object of research, seeking to understand it as part of the process of history's institutionalization in a field that brings together different historical schools, outlining a profile of the German historical science until 1900. He performs a characterization, in general, of the geographic clippings, countries covered, privileged areas, the most visited areas of history, preferred themes and sinalize the most important historians who collaborated in the *Historische Zeitschrift*.

Keyword

German historiography; Research in history of historiography; 19th century.

Enviado em: 01/03/2011

Aprovado em: 25/03/2011

A *Historische Zeitschrift* (*Revista Histórica*) ou apenas *HZ*, como é, comumente, grafada pelos alemães, é um periódico semestral criado em 1859 por um dos pupilos de Ranke, Heinrich von Sybel. Na revista, exclusivamente, dedicada à divulgação da ciência histórica alemã (SCHIEDER 1959, pp. 1-2), eram publicados: a) artigos redigidos segundo princípios científicos e históricos, resultantes de pesquisa original, que primassem pelo rigor metodológico e, em especial, pela análise de fontes primárias, b) balanços bibliográficos sistemáticos sobre diversos temas – “relatórios de literatura” – que situavam o estado da historiografia não apenas germânica, mas, também, mundial, c) relatórios das comissões históricas das Academias de Ciências, em especial, a da Prússia e a da Baviera e d) relatórios da *Monumenta Germaniae Historica*. Além desses textos, as memórias, as biografias e as correspondências também tiveram um espaço considerável na revista. Sua criação foi motivada pelo desejo do rei Maximiliano da Baviera de constituir uma escola histórica, em Leipzig, tarefa que havia sugerido a Ranke e este a repassou a seu pupilo. A impressão da *HZ*, feita, inicialmente, pela J. G. Cotta'schen Buchhandlung, de Munique, foi ininterrupta desde então, exceto no período entre 1943 e 1946, devido aos problemas criados com o final da Segunda Guerra Mundial. Ao longo de sua existência, figuraram como seus editores: Heinrich von Sybel (1859-1895), Heinrich von Treitschke (1895-1896), Friedrich Meinecke (1896-1935), Karl Alexander Müller (1935-1943), Ludwig Dehio (1949-1956) e Theodor Schieder (1957-1985). De 1985 até o presente, o seu editor-chefe é Lothar Gall, que foi integrado ao conselho editorial em 1980.

82

A *Historische Zeitschrift* é uma das primeiras revistas científicas de história e um modelo para muitas que surgiram depois.¹ Sua importância para o surgimento da história científica, na Alemanha, pode ser avaliada por meio do conjunto de artigos publicados durante a segunda metade do século XIX, cuja análise permite conferir uma fisionomia mais geral da historiografia alemã no período. Além disso, tal olhar panorâmico, em si, é suficiente para discutir alguns lugares-comum que não fazem justiça ao conteúdo da revista ou aos seus colaboradores. Foram reunidos e analisados 783 artigos, publicados entre 1859 e 1900, que foram enviados por 273 colaboradores. Dentre eles, além de nomes consagrados como Leopold von Ranke, Johann G. Droysen e Theodor Mommsen, há centenas de outros historiadores menos conhecidos e também de filólogos, de bibliógrafos, de filósofos e até de arquivistas, que aparecem em número considerável.

¹ Antes dela, haviam sido criadas duas outras revistas, que tiveram uma curta existência. A *Politisch-Historische Zeitschrift*, criada por Leopold von Ranke, a pedido do ministro do exterior prussiano, o conde de Bernstorff, que circulou entre 1832 e 1836, e o *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft*, que foi editado entre 1844 e 1848, por Wilhelm A. Schmidt na editora Veit, em Berlim. Este não deve ser confundido com a revista homônima, criada na República Democrática Alemã, em 1953. Ranke havia sido aluno de Schmidt e definiu o *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft* como um veículo que reuniu esforços diversos e esparsos de intelectuais alemães no campo da história, mas, cujo teor era mais jornalístico do que científico. Giesebrecht e Sybel colaboraram e mambas, na *Politisch* e na *Zeitschrift*. (IGGERS 1988, p. 70).

Uma análise do perfil da revista revela o predomínio de artigos sobre a história moderna e a história recente (do século XIX), o que sinaliza uma tendência no interior da historiografia alemã, naquele contexto, e do próprio veículo até hoje. Aliás, convém logo destacar que a *HZ* foi um dos primeiros periódicos a enfatizar algo que hoje se denomina história do tempo presente. Em uma carta endereçada a Georg Waitz, em 1857, Sybel definiu qual seria o espírito da revista que ele e seu grupo desejavam criar: “nós queremos um órgão para representar uma tendência e um método científico definidos. A cada ano a história ocupa mais e mais o lugar da filosofia” (Apud GOOCH 1959, p. 134). Isso confirma algo bastante claro para os historiadores alemães naquele momento: a autonomia da história perante a filosofia e a política.

Duas imagens cristalizaram-se sobre a *Historische Zeitschrift*, ao longo do tempo. Durante o século XIX, foi tachada de ser, excessivamente, nacionalista e protestante e, na segunda metade do século XX, de ter sido contaminada pelo nacional-socialismo. Ou seja, nenhuma referência acerca de sua devoção à história moderna ou contemporânea ou ao seu caráter científico e histórico. Não obstante, para Jaeger (1992, p. 57), o que distinguia a *HZ* era, de um lado, a sua vinculação ao historicismo, traço marcante na orientação de seus colaboradores, e, de outro, a escrita de uma história europeia integradora das diferentes histórias nacionais no tempo e no espaço, com suas especificidades e com suas relações de força, sendo destacada, no seu bojo, a história da própria Alemanha.

Ao longo de sua existência, talvez, a direção de Karl A. Müller tenha sido, de longe, a mais polêmica. Embora ele tentasse acolher a oposição e a situação no interior da revista, muitos de seus prefácios festejaram, desde 1936, os sucessos do nazismo (cf. SCHULZE 1999, MÜLLER-WIGGERSHAUS 1998 e SCHULIN 1989). De qualquer modo, a sua gestão ignorou a recomendação expressa de Friedrich Meinecke, que advogava, em seus prefácios, a dissolução gradativa dos vínculos entre a vida nacional e a ciência histórica, como se pode depreender de muitos editoriais, particularmente, entre 1914 e 1918 e, sobremaneira, entre 1930 e 1935. Contudo, o fim da guerra foi um período delicado, no qual o envolvimento com o regime nacional-socialista havia se tornado inevitável e provocou uma forte tensão entre os colaboradores e a perseguição aos judeus. Estes são aspectos que remetem a problemas agudos presentes naquela sociedade como um todo (SCHULZE 1989) Olhando em retrospectiva, Lothar Gall afirmou:

Constata-se que a grande maioria dos historiadores alemães que tinham cargos e principalmente os que almejavam conseguir cargos estavam mais ou menos ou muito próximos do nacional socialismo e sua `visão de mundo'. Isto se reflete nas inúmeras contribuições da *HZ* direcionados às idéias e metas do regime, refletidas pelos autores (GALL 2009, p. 13).

Voltando às origens da *Historische Zeitschrift* e da história alemã no século XIX, é necessário dizer que, durante muito tempo, essas estiveram ligadas à

figura de Leopold von Ranke. Era como se toda a produção historiográfica germânica adotasse a “escrita rankeana” da história. Essa imagem duradoura que surge, ainda hoje, em certas interpretações (FUNARI; SILVA 2008, CARDOSO 1981), oblitera a existência de diferentes “escolas” – forma sob a qual hoje poderiam ser compreendidas as diferentes orientações historiográficas existentes em solo alemão durante o oitocentos –, das quais se destacaram, de maneira mais efusiva, duas. De um lado, havia a escola de Ranke e de seus seguidores e, de outro, a Escola Histórica Prussiana, tal como consideram alguns estudiosos (cf. IGGERS 1988, GOOCH 1959, BENTIVOGLIO 2010a). O que se pretende demonstrar é que, ao lado dessas, existiram outras anteriores ou contemporâneas, que podem ser menos conhecidas, mas não menos importantes.

Nesta análise, optou-se por excluir as revisões bibliográficas, que saíam a cada número, e os relatórios das assembleias das academias reais de ciências e da *Monumenta*. As primeiras indicam, de maneira irrefutável, o interesse alemão de conhecer as principais publicações de história, bem como o estado da historiografia europeia e mundial. Além disso, mapeava os principais avanços, no novo campo da história, indicando o estado em que se encontravam os estudos em relação a temas, a países e a períodos. Em geral, havia a publicação de, pelo menos, três “revisões de literatura” a cada número. Quanto aos relatórios das academias científicas, sua inclusão, no periódico, deixa evidente o esforço de institucionalização da revista e da comunidade de historiadores que ela irmanava, um esforço referendado em espaços privilegiados de interlocução junto ao Estado e à sociedade (cf. NIESSEN 2009, p.53). A Academia de Ciências da Baviera, por exemplo, tinha sua comissão histórica presidida por Ranke (ele também chefiava a mesma comissão na academia prussiana) e Sybel era seu secretário. Nela, figuraram como membros Schelling, Humboldt, Mommsen e, posteriormente, Max Weber. Em outras palavras, a criação da revista, em 1859, expressava o processo de autonomização da história científica e acadêmica e o cuidado com os avanços vividos pelo campo em formação. Deve-se também indicar que a revista estava articulada às mais prestigiadas academias reais de ciência germânicas e ao projeto da *Monumenta Germaniae Historica*.² Junto com a refundação da Universidade de Berlim e a criação de cursos de história, nas principais universidades alemãs, aquele esforço referenda “lugares” da e para a história, tanto no sentido, estritamente, acadêmico quanto no político (CERTEAU 1998). Tais ações integram um processo de afirmação da ciência histórica como um novo domínio que não deveria permanecer atrelado

² A *Monumenta*, por exemplo, surgiu de uma iniciativa de Karl von Savigny e de Jacob Grimm e foi criada pelo barão von Stein, militar de carreira, que convidou os maiores historiadores germânicos do seu tempo para integrar a tal projeto. Foi fundada, em Frankfurt, em 1819, quando Stein convenceu muitos amigos whestphalianos a financiar o projeto, sob os auspícios da recém-criada *Sociedade para o estudo das origens da história alemã*, um jornal do qual participaram Eichhorn, Schlosser, Wilken, Dalhmann, Raumer, Heeren, Niebuhr, Humboldt, Jacob Grimm, Goethe e Georg Pertz, arquivista de Hanover. /A este sucedeu, como editor principal, Böhmer. Depois, entraram Ranke, Waitz e Köpke (GOOCH 1959).

aos cursos de filosofia, direito e literatura, tal qual em muitas universidades europeias.

Três questões nortearam a formulação e a execução deste breve estudo. A primeira seria avaliar se a *Historische Zeitschrift* foi um “lugar” privilegiado de publicação para uma escola histórica específica, se ela teria sido sua porta-voz. A segunda, relacionada à primeira, consistiu em verificar se a *HZ* seria capaz de oferecer uma cartografia da produção historiográfica alemã do século XIX e se esta, realmente, se limitou ao modelo rankeano. A terceira e última questão seria a de analisar se ela era, em última instância – como avaliam muitos de seus intérpretes e críticos –, meramente, uma publicação nacionalista e luterana. Como se vê, investigar a *Historische Zeitschrift*, entre 1859 e 1900, pode ser um exercício fecundo para se pensar a escrita da história, na Alemanha oitocentista, permitindo identificar orientações historiográficas, princípios metodológicos adotados, temas prediletos de investigação, domínios e campos mais visitados, autores mais assíduos, realizando, assim, uma radiografia da historiografia alemã naquele contexto específico, um momento ímpar, no qual, de forma particular, a ciência histórica nascente, os historiadores e os acontecimentos vividos convergiram.³

O exame dos artigos do período escolhido revelou informações preciosas sobre a cultura historiográfica germânica que, ainda hoje, são pouco conhecidas. Em primeiro lugar, desmistificou a ideia de ela que era, exclusivamente, nacionalista ou protestante. Aliás, convém logo lembrar que as revistas de história do século XIX eram todas nacionalistas. Ou seja, a preocupação maior delas era sempre a de estudar a história dos seus próprios países: quase todo o seu conteúdo tratava de fatos ou de personagens do seu próprio passado histórico. Todas as revistas de história eram assim: da *Historische Zeitschrift* aos *Annales* de até meados de 1945. Quanto à sua orientação luterana, embora os protestantes fossem maioria, podem ser encontradas colaborações de historiadores judeus como Alfred Stern ou católicos, como, por exemplo, Reinhold Pauli. O material investigado evidenciou ainda a presença de diferentes escolas históricas alemãs na *Historische Zeitschrift*. Alguns autores acreditavam que a *HZ* fosse um periódico criado apenas para divulgar a produção da Escola Histórica Prussiana, de Droysen, de Gervinus, de Sybel e de Häusser. Com efeito, muitos textos desse grupo podem ser encontrados, no entanto, também estava presente um conjunto representativo de artigos redigidos por integrantes ou discípulos de outras escolas históricas. Aliás, os próprios historiadores prussianos, embora aparecessem em número considerável, conviviam com historiadores de Baden, da Westphalia, da Bavária, de Hanover, da Renânia, da Saxônia, de Wurttemberg, de Schleswig-Holstein ou de Hesse. Mais escassas foram as colaborações de historiadores austríacos e poloneses.

³ Refere-se ao processo de autonomização e de reconhecimento da ciência histórica, da constituição dos historiadores como intelectuais de destaque junto à sociedade e ao processo de unificação alemã (cf. BENTIVOGLIO 2010a).

Pode-se verificar a existência de, pelo menos, três gerações de historiadores que publicaram na *HZ* entre 1859 e 1900. A primeira é a de Ranke, Gervinus e Droysen, a segunda é dos historiadores que estudaram com os membros da primeira geração – tal como Georg Waitz, Heinrich von Sybel, Theodor Mommsen, Maximilian Duncker, Lüdwig Häusser, dentre outros – e, por fim, a última é a geração de Heinrisch von Treitschke, Friedrich Meinecke, Wilhelm Oncken, Kurt Wachsmuth e outros. Esta representa o arrefecimento da hegemonia historiográfica exercida pelas duas primeiras gerações e foi marcada pela crise do historicismo e pela emergência de reações às formas predominantes da escrita da história do século XIX, que eram, majoritariamente, devotadas ao político. Nesse sentido, cumpre destacar, sobretudo, o surgimento da Escola de Leipzig, capitaneada por Karl Lamprecht, e sua ênfase sociocultural que se dissemina a partir da publicação de sua *História da Alemanha* a partir de 1891, a qual causou forte impacto sob a comunidade germânica de historiadores.⁴ De qualquer modo, a longevidade de Ranke, sua influência junto aos historiadores alemães e a adoção de um modelo teórico-metodológico e de princípios fundamentados tanto em sua obra, quanto em preceitos de Humboldt, de Niebuhr e de Gervinus puderam constituir um “espírito” de coesão entre aquelas três gerações, conferindo, assim, uma “imagem” de identidade para aquela historiografia como um todo (BENTIVOGLIO 2010a), de maneira similar ao verificado em relação aos *Annales* e ao espólio de Marc Bloch e de Lucian Febvre. Dessa forma, a crítica historiográfica, sobretudo, a francesa (inflexivelmente, até sua reabilitação com Henri-Ireneé Marrou, com Raymond Aron, com Paul Ricoeur e, mais recentemente, com Paul Veyne e com Antoine Prost) e a marxista (vide as considerações de Walter Benjamin e de Gyorgy Lukács a respeito do historicismo) assimilaram uma imagem deformada da produção alemã e, assim, construíram um verdadeiro lugar-comum sobre aquela historiografia, reduzindo-a a Ranke e associando-a, erroneamente, ao positivismo (BENTIVOGLIO 2010c).⁵

Acredita-se que seria necessário um levantamento mais minucioso da localização das universidades, onde ocorreu a formação daqueles historiadores, e, onde eles trabalharam, para verificar possíveis hierarquizações e relações entre os núcleos formadores e as escolas históricas constituídas. Para obter tais informações, poder-se-ia também analisar quais foram os autores mais citados, nos artigos, e verificar as opções teórico-metodológicas e as abordagens praticadas naquele período. Em linhas gerais, pode-se dizer que Berlim, Göttingen, Bonn e Heidelberg eram, sem dúvida, os centros mais expressivos de onde provinham os colaboradores da *HZ* e onde os historiadores

⁴ Anos depois, ele criaria o Instituto da cultura e história universal e seria professor visitante na Universidade de Columbia.

⁵ Esse é, especialmente, o caso brasileiro, no qual vários intérpretes marxistas relacionaram, de maneira equivocada, o historicismo e a historiografia alemã a um positivismo, que não era, exatamente, o de Auguste Comte, mas sim uma interpretação enviesada e superficial do positivismo comteano, que opera mais como um clichê do que, justamente, como um conceito e um sistema filosófico.

mais importantes atuaram. Curiosamente, foi naquelas universidades em que se localizaram os marcos teóricos decisivos para a autonomização da história como um novo domínio do saber. Ou seja, atuando naqueles centros, estiveram os mestres da ciência histórica nascente: Barthold Niebuhr, Wilhelm von Humboldt, Ranke e Droysen. Os vínculos de amizade e de afinidades pessoais dentro do conjunto de colaboradores analisado era bastante heterogêneo. Embora, novamente, figurassem Ranke e Droysen, havia Sybel, Gervinus, Häusser, Friedrich Dahlmann, dentre outros, que eram referências, surgindo, em várias biografias, na condição de mestres, de supervisores de estudos ou ainda como amigos merecedores de gratidão. Ou seja, esses elementos constituem um forte indicativo das ligações existentes entre eles.

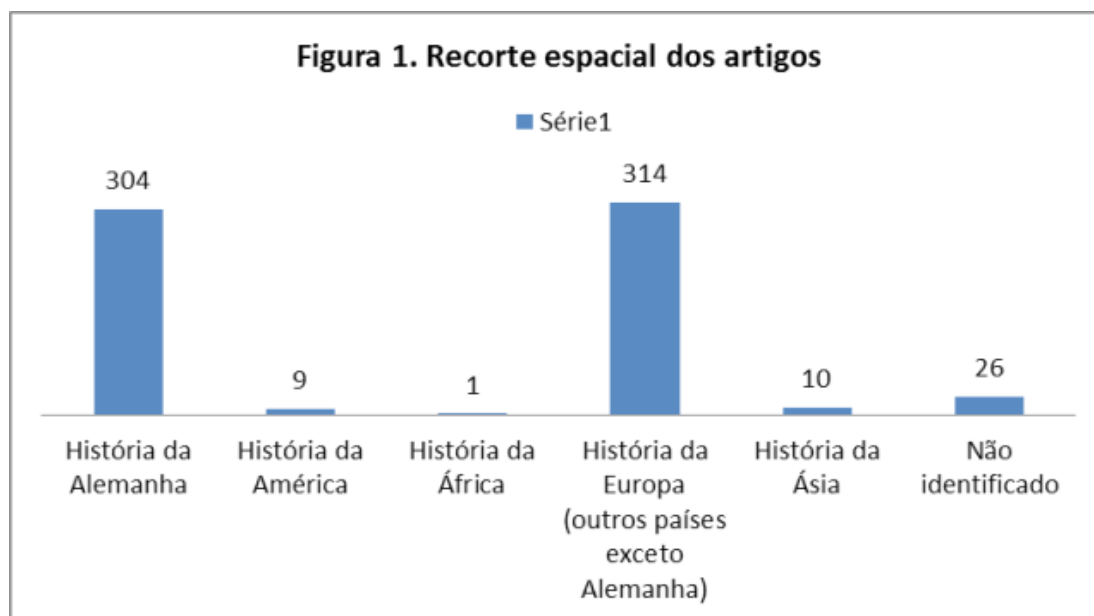
Um aspecto considerável é o envolvimento direto de muitos colaboradores da revista com a vida política do momento. Onze deles foram deputados no parlamento de Frankfurt em 1849, treze foram deputados em seus Estados e dez foram deputados no parlamento nacional após a unificação alemã de 1871, o que indica uma intensa atividade política por parte dos historiadores alemães oitocentistas (BENTIVOGLIO 2010a, pp. 33-35). Essa atuação política é reforçada quando se avalia o envolvimento daqueles historiadores com a imprensa periódica: dezenas deles foram editores de jornais e um número muito maior foi composto por colaboradores assíduos nesses jornais. Não por acaso, muitos foram também conselheiros de reis e de príncipes germânicos,⁶ oito foram reitores de universidades⁷ e muitos foram sócios ou integrantes de academias e de sociedades científicas. Essa intensa atuação deixa claro que a “história da Alemanha e do liberalismo alemão não poderia ser escrita sem devotar considerável espaço ao papel central desempenhado pelos historiadores” (IGGERS 1998, p.19).

Nas figuras a seguir, encontram-se alguns dados, referentes aos 783 artigos analisados, que permitem traçar um panorama da historiografia alemã oitocentista. Longe efetuar uma discussão meticulosa de aspectos da escrita da história durante o período, o que se pretendeu foi apenas conferir as linhas mais gerais daquela produção historiográfica, uma vez que não se tem a pretensão de esgotar o tema.

87

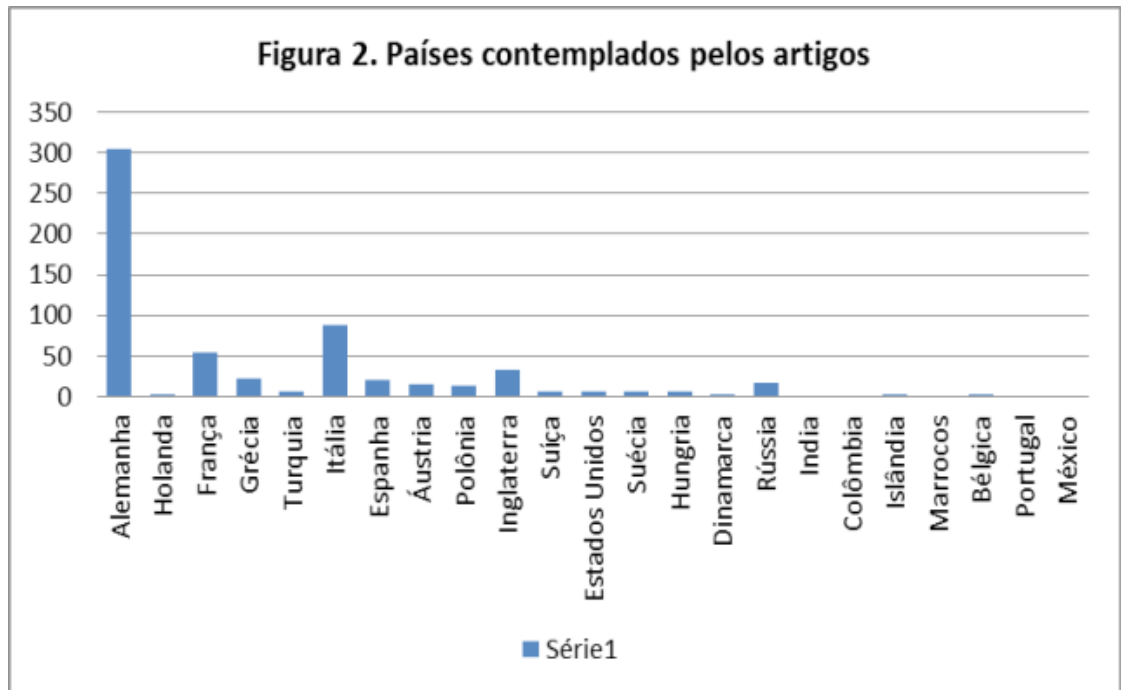
⁶ Ranke foi conselheiro de Frederico Guilherme e de Maximiliano I, Alfred von Reumont foi secretário particular de Frederico Guilherme IV, Friedrich Hermann foi assessor de Maximiliano I e de Maximiliano II, Max Duncker foi conselheiro de Frederico III, Mommsen era amigo pessoal do rei da Dinamarca, Karl Maurenbrecher foi amigo pessoal de Guilherme II e Johann Friedrich Ritter von Schulte foi assessor do rei Francisco José.

⁷ Max Büdinger foi reitor da Universidade de Zurique, Wilhelm Oncken foi reitor da Universidade de Giessen, Theodor Mommsen foi reitor da Universidade de Berlim, Ernst Bernheim foi reitor da Universidade de Greifswald; Franz Heirich Reusch, Arnold Schaefer e Johann Friedrich Ritter von Schulte foram reitores da Universidade de Bonn e, por fim, Kurt Wachsmuth foi reitor da Universidade de Leipzig. Karl Rotteck foi pró-reitor da Universidade de Freiburg.



Em primeiro lugar, foi analisado o recorte espacial dos artigos. Na figura 1, percebe-se que a maioria dos textos foi consagrada à história da Europa (42%) e da Alemanha (40%), 318 no total, que dividem, praticamente, meio a meio, toda a produção da revista, pois correspondem a 82% do recorte geográfico adotado, restando poucos artigos referentes a outras regiões. Não estão indicados os de área de teoria da história nem aqueles cujo espaço não fôra identificado, que correspondem a 15%. Dez artigos versam sobre a história da Ásia, nove sobre a América e apenas um sobre a África – todos juntos representam apenas 2%. Evidentemente, um número expressivo dos artigos volta-se para a história germânica, muitas vezes subsidiando o papel do reino da Prússia, no contexto da unificação alemã, vivida entre 1866 e 1871 (cf. SCHLEIER 2003). A história dos outros Estados germânicos está bastante presente, mas, como se encontra, invariavelmente, subsumidas ao entendimento de uma identidade cultural e política germânica, talvez, em observância à orientação de seu idealizador e fundador que, ao longo de sua vida, teve uma destacada participação, na vida política alemã, foi, portanto, agrupada sob a rubrica história da Alemanha, algo consagrado após a integração de 1871. Depois da unificação, acentuou-se a predominância de um viés político que privilegiava aspectos da história do império alemão em detrimento de outros temas (cf. CONRAD 2002). Em relação a outros países, há uma presença considerável de estudos voltados para a história da Itália, da França e da Rússia, como se depreende da figura 2. Apesar da complexidade do nacionalismo, não só na Alemanha, mas também, em vários Estados, durante o século XIX, e da importância que a história da pátria assumiu em diferentes lugares na Europa e nas Américas, nada era mais natural do que a predominância de estudos sobre o passado político das nações. De qualquer modo, a história alemã, na

Historische Zeitschrift, não poderia ser reputada como mais nacionalista do que a francesa, a inglesa ou a brasileira no mesmo período.⁸

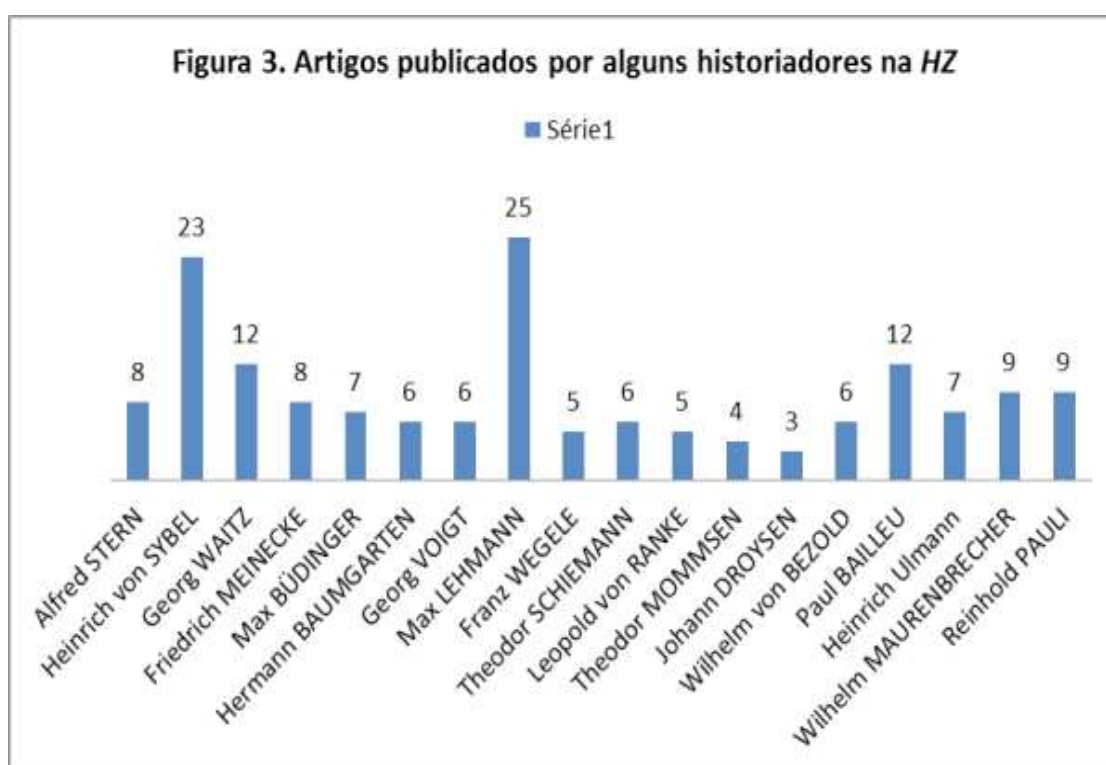


89

A presença maciça de artigos sobre a história da Alemanha (figura 2) – com mais de 55% do total – é compreensível tendo em vista, não somente, o interesse pela busca da raízes germânicas e pelo passado da nação, mas também por conta do próprio acesso às fontes primárias, majoritariamente, localizadas, na terra natal, daqueles historiadores. Isso não impediu, contudo, que muitos consultassem arquivos e empreendessem viagens à Itália, à França ou à Inglaterra para realizarem seus estudos. A referência expressiva à Itália, que representa 12% do conjunto – no total, são 88 artigos que se reportam à história ou à historiografia italiana –, explica-se, não apenas, pelos estudos sobre a história antiga romana, mas também devido ao grande interesse em torno do Renascimento e de sua historiografia, além do apreço pelos historiadores italianos. Ranke e Gervinus, por exemplo, estiveram, várias vezes, na Itália. Muito lembrados são também a Rússia, com quase duas dezenas de artigos, e a Polônia, com mais de dez. Outros países que foram objeto de muitos estudos foram a França (8%) e a Inglaterra (5%) que, não por acaso, eram os dois impérios mais importantes naquele período. A pouca referência à Áustria, com pouco mais de dez artigos (2%), explica-se pela rivalidade existente entre os historiadores dos dois territórios, e, em particular, devido às restrições impostas aos historiadores alemães para a consulta de

⁸ Esta é ilustrada nas páginas da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criada em 1838.

documentos nos arquivos austríacos. O imperador austríaco, desde 1815, havia proibido o acesso aos seus arquivos àqueles não fossem simpáticos à sua dinastia, à religião católica ou à condução política do seu império. Mesmo Ranke, em 1863, teve seu pedido para consultar os despachos do embaixador austríaco, em Paris, em 1756, recusado (GOOCH 1959, p. 148). A Grécia e a Espanha também foram espaços de um relativo interesse, somando 3% cada. A Suíça, a Hungria, a Turquia e os Estados Unidos receberam seis artigos; a Holanda e a Islândia, três; a Bélgica e a Dinamarca, dois; por fim, Portugal, México, Colômbia, Marrocos e Índia foram contemplados com apenas um artigo cada.



90

Ao longo do século XIX, a *HZ* reuniu os principais representantes da historiografia alemã, contando com artigos produzidos por renomados historiadores como Leopold von Ranke, Johann Gustav Droysen, Georg Waitz, Theodor Mommsen, Heinrich von Treitschke, Heinrich von Sybel, Hermann Baumgarten, Friedrich Meinecke, Wilhelm Maurenbrecher e Georg Voigt. Na figura 3, encontram-se relacionados alguns dos principais colaboradores, entre 1859 e 1900, com a indicação do número de artigos que publicaram. Os vinte e cinco textos de Max Lehmann, descontando-se as suas revisões de literatura, impressionam. Berlimense, nascido em 1845, Lehmann estudou filologia e história em Königsberg, em Bonn e em Berlim, era amigo de Sybel – este era próximo do chanceler Bismarck – e lecionou história nas universidades de Marburg, de Leipzig e de Göttingen. Sua área de interesse era a história da Alemanha, sobretudo, no período de 1806 a 1848, embora tenha publicado também artigos sobre as guerras da unificação. Em seguida, aparecem Sybel com vinte e três artigos –

ele era o editor da revista – e Georg Waitz. Este, natural de Flensburg e nascido em 1813, era um dos pupilos mais considerados por Ranke – ao lado de Sybel e de Giesebrecht – e, junto com o mestre, foi um dos expoentes e um dos líderes do projeto da *Monumenta*. Waitz estudou filosofia e direito em Kiel e em Berlim, tornando-se depois professor em Göttingen e em Kiel.

Assim como a questão do nacionalismo, o peso que os luteranos tiveram, no conjunto dos artigos publicados, é algo, absolutamente, compreensível, tendo em vista o contexto histórico-cultural germânico de então. Tratava-se de um território, majoritariamente, simpático aos reformados, que constituíam a maioria da população. De qualquer modo, judeus, tais como Alfred Stern, Julius Beloch, H. Gelzer, P. Goldschmidt, E. Gothein, M. Brosch, R. Brendel, Adalbert Horowitz, Moritz Cantor, dentre outros, publicaram artigos na *HZ*. Quanto aos católicos, é mais difícil precisar, mas, Paul Hinschius, Josef Vogt e Franz Reusch, seguramente, eram-no. Sua presença, contudo, era bem menor do que a dos protestantes ou a dos judeus.

Uma questão delicada foi encontrar escolas históricas no interior da *Historische Zeitschrift*. Tal tarefa foi bastante difícil, mas era, absolutamente, necessária. Localizá-las, entre 1859 e 1900, identificando suas ideias de força, seus pressupostos, suas disputas, seus representantes e, enfim, descobrir elementos que pudessem conferir identidade aos historiadores que as compunham ou dirigiam é algo sedutor. Afinal, assim como podemos vislumbrar uma escola dos *Annales*, nas páginas da revista homônima, ou uma Nova Esquerda Inglesa, nos artigos da *New Left Review*, seria possível identificar uma Escola Histórica Prussiana nas páginas da *Historische Zeitschrift*? Em primeiro lugar, é preciso sublinhar o que se entende por uma escola histórica, pois, trata-se de uma categoria, muitas vezes, usada na tentativa de reunir, arbitrariamente, um conjunto de historiadores de uma determinada época ou vinculados a uma determinada instituição. Sem postular a defesa radical de identidades epistemológicas, poder-se-ia assinalar que as escolas históricas estabelecem e disseminam uma operação historiográfica mais homogênea a um conjunto de historiadores que possuem laços institucionais e ou afetivos definidos em sua formação e em sua atividade docente. Elas, geralmente, imprimem, nos historiadores, uma visão similar sobre seu ofício, tanto na avaliação que fazem da tradição historiográfica herdada do passado, quanto na definição de seus projetos e de suas expectativas para o campo, materializado em projetos, publicações, cursos e seguidores. Para além disso, estabelecem um conjunto de preocupações e de procedimentos analíticos sobre a prática e a escrita da história que procuram propor a fim de responder às carências de sentido existentes em seu campo. Um expediente que permite um primeiro passo, nessa direção, é analisar seus líderes, seus discípulos e suas instituições de origem, bem como o teor geral de sua produção que, invariavelmente, reproduz determinados modelos de análise. Outro recurso é localizar suas publicações seja em livros, seja em periódicos. Via de regra, as escolas costumam

vincular-se a uma determinada revista, a uma certa orientação teórico-metodológica, a uma ou mais instituições e a um grande historiador ou a um círculo de historiadores mais próximos e que se tornam os líderes em determinados projetos. Nesse sentido, embora a presença da Escola Histórica Prussiana fosse numerosa, no conjunto dos artigos publicados, as colaborações de representantes de outras escolas historiográficas alemãs, sobretudo, a rankeana era superior. Pensando a operação historiográfica como um procedimento analítico (CERTEAU 1998), pode-se reconhecer algumas estratégias que indicam a aglutinação em determinados grupos: a integração a centros universitários, a instituições de pesquisa ou a arquivos e suas redes de historiadores e a adoção de procedimentos metodológicos semelhantes e o exercício de uma forma de escrita que, invariavelmente, materializa-se em canais específicos, seja um periódico particular, seja uma editora ou seja alguma coleção. Tais estratégias integram, portanto, os sujeitos do saber, as abordagens prediletas e os circuitos de circulação do conhecimento histórico, produzindo um vínculo entre os cursos existentes nas universidades, a formação dos historiadores, a presença em associações científicas, o acesso a determinados arquivos e a publicação pelas editoras, garantindo, assim, a divulgação das ideias do grupo. Seguindo esse raciocínio, poder-se-iam vislumbrar três grandes escolas que antecederam a formação das escolas históricas propriamente ditas e que exerceram sobre elas uma considerável influência:

a) A escola de estudos renascentistas, que declina, a partir de 1790, e que havia reunido um grupo de estudiosos sobre a Itália do século XV ao XVI (GOOCH 1959). Esse grupo tinha uma abordagem mais voltada para a filologia.

b) A escola romântica de Goethe, de Fichte, de Schiller e de Novalis, cuja referência inicial foi a Universidade de Iena e que preconizava estudos literários, mas também de mitos e de lendas relacionados ao passado alemão. Em seguida, tal escola também esteve presente em Göttingen e em Heidelberg, onde seria influente até meados de 1820, quando Berlim emergiu como o principal centro acadêmico alemão (MARTINS 2010, IGGERS 1988).

c) A escola histórico-filológica de Wolf, de Böckh e de Müller. Surgida, na Universidade de Göttingen, tal escola dedicou-se aos estudos clássicos, sobretudo, à história da Grécia, mas também se consagrou ao estudo da antiguidade germânica (BENTIVOGLIO 2010a, MARTINS 2010).

Essas três escolas não eram ainda, exatamente, históricas, pois embora a história fosse entendida como um conhecimento importante ela era vista como um saber auxiliar que se encontrava submetido ora aos estudos filosóficos, ora aos estudos filológico-literários (BENTIVOGLIO 2009, BENTIVOGLIO 2010b). Elas correspondem a um momento em que a ciência histórica ainda não havia se constituído, portanto, aqueles que escreviam sobre a história não eram, exatamente, historiadores nem se apresentavam como tal. Eram, sobretudo, filólogos e filósofos. Coube a elas, contudo, o mérito de instituir as preocupações históricas como um elemento decisivo para qualquer investigação, um elemento

indispensável para qualquer estudo. Inegavelmente, foram escolas em que a reflexão filosófica ainda ocupava um lugar central. Os alunos e os discípulos de algumas delas é que viriam a constituir as escolas históricas propriamente ditas. Isto é, a história não seria mais vista como uma área auxiliar, mas como um domínio específico no rol dos saberes. Assim, podem ser relacionadas, como as primeiras escolas históricas, no mundo germânico:

a) A escola rankeana, a maior e a que teve maior número de adeptos, foi constituída em torno do famoso seminário (*Seminar*) de Leopold von Ranke, na Universidade de Berlim, a partir 1833. Desse seminário, fizeram parte Wilhelm Giesebrecht, Georg Waitz e Heinrich von Sybel, que eram os discípulos mais considerados por Rank e que se tornaram disseminadores das concepções do mestre. Os estudos dessa escola estavam voltados para a história moderna e para a história universal. Importantes historiadores frequentaram o seminário de Ranke como, por exemplo, Jacob Burckhardt, Max Duncker, Reinhold Pauli e o príncipe Maximiliano da Baviera. Além dos artigos publicados pelos grandes expoentes desse grupo, na *HZ*, houve também as colaborações de importantes historiadores rankeanos, como, por exemplo, Max Büdinger, Wilhelm Wattenbach, Wilhelm Maurenbrecher, Ferdinand Gregorovius, Meyer von Knau, Karl von Nooden, Karl Nitzsch e Sigurg Abel. Os rankeanos publicaram o conjunto mais numeroso de artigos, o que confirma essa escola como a mais importante do período. Ela só perderia sua força com a morte de seu grande mentor, em 1886. Privilegiavam o estudo da história política e a consulta das fontes originais de arquivos.

b) A escola histórico-jurídica, de Niebuhr, de Savigny e de Mommsen, também era sediada na Universidade de Berlim, mas tinha muitos representantes em Bonn. Tal escola era voltada para os estudos clássicos, sobretudo, para a história romana, com destaque particular para a história do direito e das formas jurídicas no passado e no presente, inicialmente, romanas e, em seguida, teutônicas. Encontravam-se, vinculados a essa escola, discípulos de Mommsen como Friedrich Bluhme e Heinrich Nissen. Sua contribuição foi bastante apreciada na França, sobretudo, desde a publicação do "Manual", de Ernst Bernheim de 1889 (BERNHEIM 1937). Não ocuparam muito espaço na *HZ*, até porque Niebuhr, que tinha publicado em outras revistas, já havia morrido há algum tempo, e Savigny e seus discípulos possuíam um próprio periódico.

c) A escola histórica prussiana, cuja existência vinculou-se mais à Academia de Ciências da Baviera, à *Historische Zeitschrift* e aos cursos oferecidos por seus membros, em diferentes centros, como Kiel, Göttingen, Heidelberg, Berlim e Munique do que, especificamente, a uma universidade. Tal escola ocupa o segundo lugar em quantidade de produção, na *HZ*, vindo, logo após, os rankeanos. Devotava-se mais à história contemporânea, em especial, a eventos ligados, direta e indiretamente, à história da Prússia. Ocupava-se ainda de estudar a história de outros Estados germânicos, tendo, como característica diferencial, a intensa atividade política em prol da unificação por parte dos historiadores que

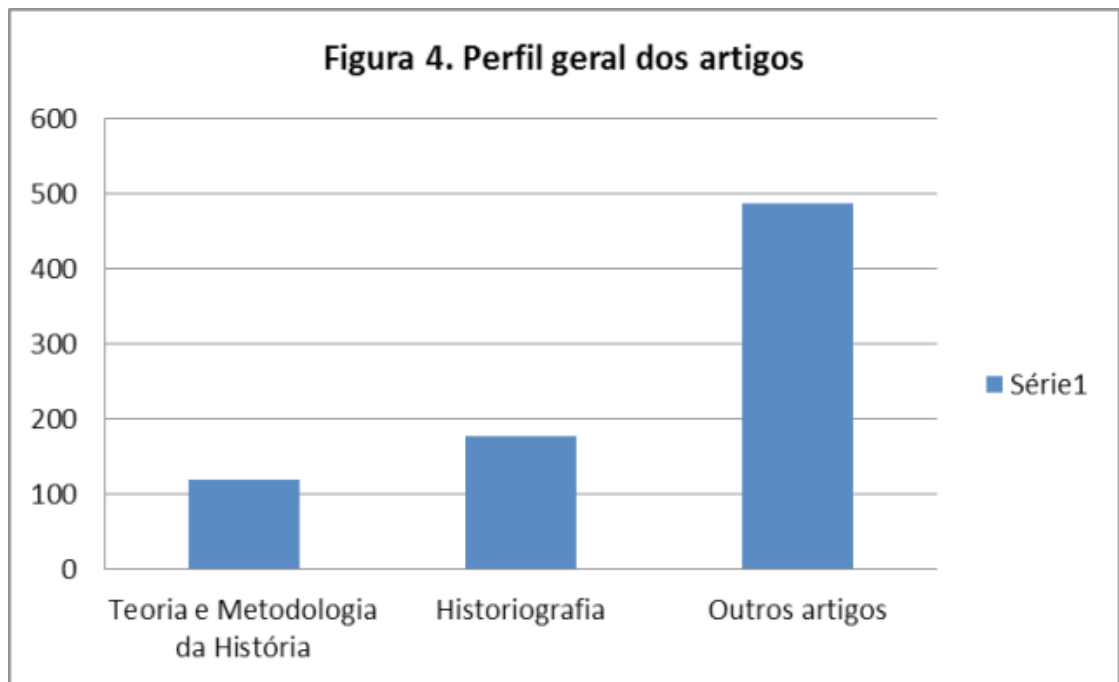
a compunham (cf. SOUTHARD 1995, BENTIVOGLIO 2010a). O mentor espiritual dessa escola foi Friedrich Dahlmann – que já havia falecido quando a HZ foi criada – e seus expoentes foram Johann Droysen, Lüdwig Häusser e Max Duncker. Contudo, ela era integrada ainda por Sybel, por Friedrich Hermann, por Ludwig Aegidi, por Rudolf Haym e por Heinrich von Treitschke. Nem todos eram prussianos, Treitschke, por exemplo, era da Saxônia. Bismarck manteve uma relação bastante estreita com o grupo, especialmente, com von Sybel, a quem, após a unificação alemã, expressou sua gratidão “por sua longa cooperação no trabalho comum para a pátria” (GOOCH 1959, p. 135). Com a morte de Treitschke, em 1895, a escola perdeu sua força.

d) A escola histórico-política, de Freiburg e de Heidelberg, era composta por Schlosser – que, apesar de ter morrido em 1866, não publicou na HZ –, Rotteck, Welcker e Gervinus. Devotada aos estudos de filologia, de direito e de história, essa escola era marcada por uma inclinação moralista, eminentemente, política e criticava e se opunha a Ranke. Gervinus deixou o grupo em 1845 e se juntou a Droysen, a Häusser e a Sybel na Escola Histórica Prussiana. Rotteck era uma espécie de guru da história no sul da Alemanha. Eles tiveram seus próprios periódicos, como, por exemplo, o *Der Freisinnige* e o *Staatslexikon*. Este era uma verdadeira enciclopédia política alimentada pelo espírito do liberalismo. Tinham predileção pela história universal e, evidentemente, pela história da Alemanha. Maquiavel era uma referência maior e os estudos políticos eram vistos como fundamentais para a compreensão dos fenômenos históricos. Para Rotteck e para Gervinus, a vida ativa era, na realidade, o foco de todas histórias. O grupo não teve muitos seguidores no período e perdeu sua força com a ascensão da Escola Prussiana a partir de 1848. Foram, talvez, seus herdeiros, Jacob Venedey e Friedrich Schulz, que eram, absolutamente, minoritários na HZ.

e) A escola sociocultural, de Karl Lamprecht, na Universidade de Leipzig, surgiu, no final do século XIX, mas só influenciou a historiografia alemã no início do século XX (SCHORN-SCHÜTTE 1994). Sua emergência, de certo modo, coincidiu com o esmorecimento das outras escolas e a morte de seus principais expoentes e representou uma reação à hegemonia dos estudos históricos, em Berlim, ainda marcados pelo método de Ranke. Opunha-se à história política tradicional e reivindicava estudos voltados para a sociedade e a cultura. Lamprecht escreveu dois artigos para a *Historische Zeitschrift*: *Der Ursprung des Bürgerthums und des städtischen Lebens in Deutschland (Origem da burguesia e da vida nas cidades da Alemanha)*, de 1891 (n. 67), e *Zum Unterschiede der älteren und jüngeren Richtungen der Geschichtswissenschaft (Diferenças entre as direções antigas e recentes da historiografia)*, de 1896 (n. 77).

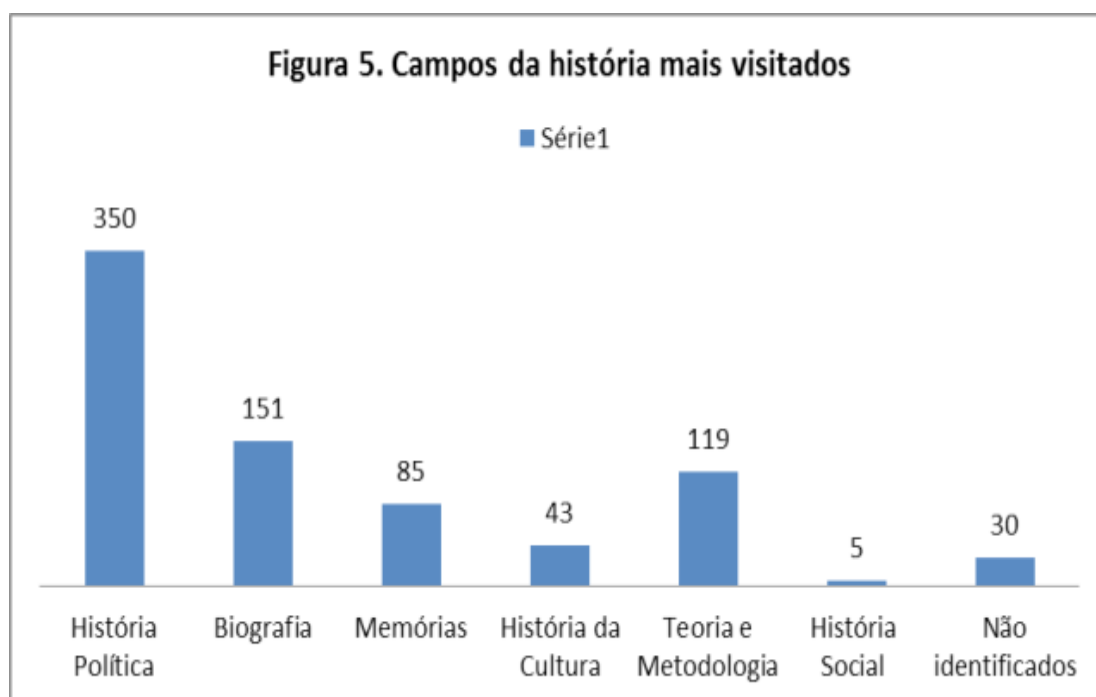
f) A escola histórico-econômica, de Gustav Schmoller era sediada primeiro, em Tübingen e, depois, em Estrasburgo. Tal escola não publicava, exatamente, na HZ, pois tinha sua própria revista de história social e econômica, que foi

criada em 1893, a *Vierteljahrschrift für Sozial und Wirtschaftsgeschichte*. Seus seguidores insurgiram-se contra o que chamaram de “imperialismo da história política” (BURKE 1989, pp. 12-13) Roscher, Knies e Hildebrand, anteriores a Schmoller, podem ser vistos como precursores da chamada escola historicista de economia, mas foi a criação da revista que disseminou melhor as ideias do grupo.



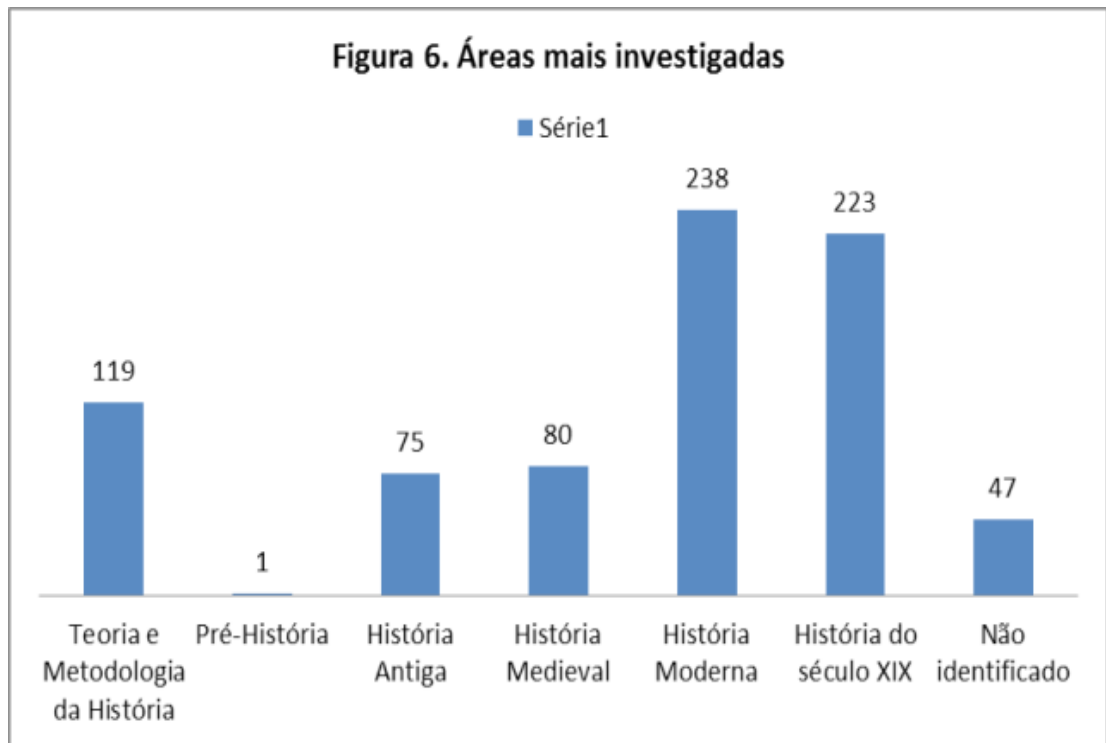
95

Em relação à documentação utilizada, parecem predominar as pesquisas que utilizam fontes manuscritas, seguidas pelo recurso às fontes impressas – aliás, são muito numerosos os artigos baseados na análise de obras publicadas – e, por fim, existem, curiosamente, três estudos baseados em fontes orais, todos eles investigando conflitos e amparados na análise do relato feito pelos soldados sobre a sua participação em batalhas. Na figura 4, está relacionado um perfil geral dos artigos, com destaque para o espaço conferido à teoria e à metodologia da história (15%) e à historiografia (20%). Os demais artigos somaram 62%. Isso revela, de maneira irrefutável, o interesse pela teoria da história e pelos estudos historiográficos, que representavam pouco mais de um terço de toda a produção no período. Dessa forma, esses dados sinalizam o peso que tais campos tiveram para a historiografia alemã. Se fossem acrescentados os levantamentos bibliográficos existentes em cada número, no cômputo geral, certamente, essas duas áreas, ao lado da história recente da Europa e da Alemanha, dariam a tônica da publicação. Explícitos, nesse sentido, são artigos como os de Wilhelm Giesebrecht, *Die Entwicklung der modernen deutschen Geschichtswissenschaft (O desenvolvimento da historiografia)*, de 1859 (n. 1), de Eduard Reimann, *Die Tübinger historische Schule (A escola histórica de Tübingen)*, de 1860 (n. 4), ou ainda o *Zur Würdigung von Rankes historischer Kritik (Do apreço à crítica histórica de Ranke)*, de Georg Waitz, de 1861 (n. 6).



Houve dificuldades na divisão dos campos da história nos quais seriam inseridos os artigos publicados. Tal divisão está apresentada na figura 5. Como se tratava de uma ciência em construção, não havia uma definição dos domínios da história – história política, social, econômica e cultural –, embora, deve-se destacar, que, nem mesmo hoje, há um consenso absoluto sobre essa divisão. De qualquer modo, uma primeira avaliação revelaria a história política, sem dúvida, como a tônica da revista, com, aproximadamente, 45% dos artigos publicados. As biografias ocupam o segundo lugar, com 19%. Nesse item, incluem-se também os necrológios feitos na ocasião da morte de ilustres representantes da historiografia alemã. São lapidares, por exemplo, o de Georg Gottfried Gervinus, redigido por Leopold von Ranke, em 1872 (n. 27), o de Treitschke, redigido por Friedrich Meinecke, em 1896 (n. 77), e os de Georg Waitz e Leopold von Ranke, de autoria de Heinrich von Sybel e publicados em 1886 (n. 52). Depois, aparecem os trabalhos sobre teoria e metodologia da história, com 15%, que são seguidos pelas memórias (11%). Nesta rubrica, foram reunidas as publicações das cartas e dos diários, mas também os textos que tratavam das “memórias” de algum personagem, ou seja, que reproduziam fragmentos de suas lembranças, acompanhadas da análise sobre o seu conteúdo, não configurando, portanto, estudos biográficos. Em alguns casos, essas memórias eram autobiográficas como, por exemplo, as de Ranke, de Droysen e de Georg Petz, presentes no primeiro número da revista. A história da cultura ocupa 5% do total de textos publicados e, por último, encontram-se alguns estudos de história social. Percebe-se, assim, que esses dois domínios eram pouco apreciados, mas foram referidos na revista. Como exemplos dessas áreas, há o artigo publicado, em 1900, por Julius Beloch, e intitulado *Der Verfall der antiken Kultur (A decadência da cultura antiga)* (n. 84) e o de Wilhelm

Stieda, *Aus der sozialen Geschichte Englands (Da história social da Inglaterra)*, de 1885 (n. 53).



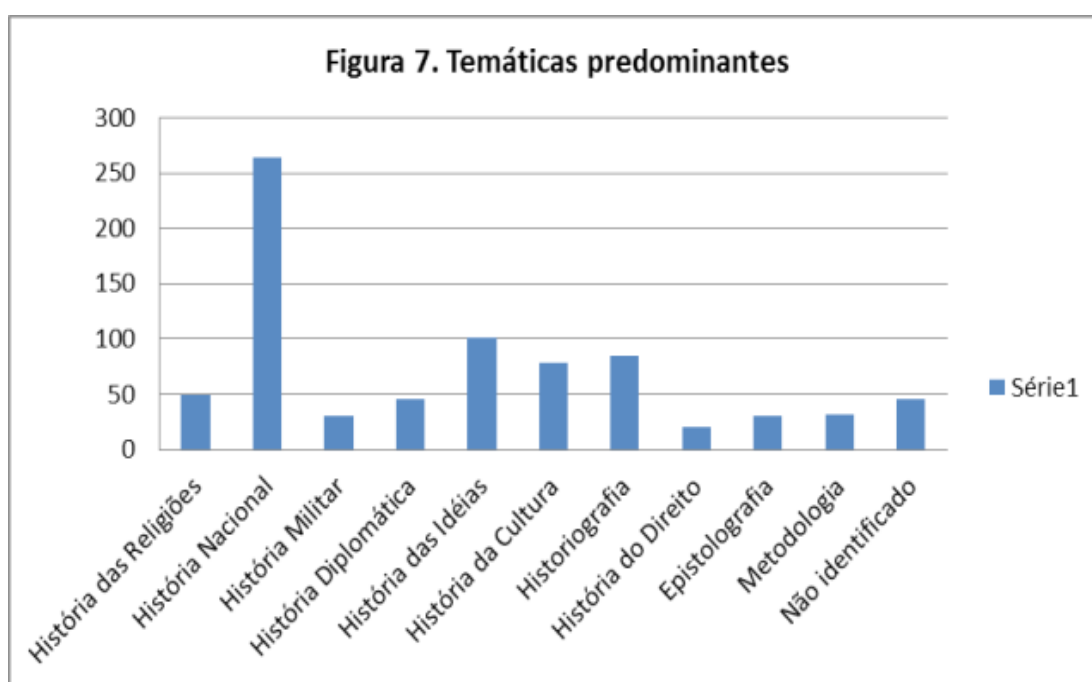
97

Na figura 6, os artigos foram divididos segundo sua vinculação às áreas do conhecimento, tomando, como referência, os períodos históricos retratados e mantendo-se distintos daqueles pertencentes à teoria e metodologia da história. A história moderna ocupa o primeiro lugar com 30%, seguida pela história do século XIX, que surge com 29%, estando, portanto, praticamente, empatadas como duas predileções nos estudos históricos alemães. Juntas, as duas perfazem 59% da produção, ou seja, deram o tom para a *HZ*, o que confirma a tendência do periódico, tal como havia sido expressa no primeiro editorial, de Sybel, em 1859, no qual ele revela:

Este periódico busca, acima de tudo, ser científico [...]. Em sua base, plantea-se uma revista histórica, não de antiquários ou de diplomática [...]. Devemos, de maneira geral, devotar mais espaço para a história moderna do que para períodos anteriores e mais para a Alemanha do que para a história estrangeira (*HZ* 1859, pp.1-2).

Destacam-se os inúmeros artigos sobre batalhas e guerras como a dos Seis Anos ou a dos Trinta Anos, mas também sobre o que seria uma história do tempo presente. Lapidares a esse respeito são, por exemplo, os textos de J. C. Bluntschli, *História recente da Itália até 1848*, de 1859 (n. 2); de Friedrich Meinecke, *Ideias e lembranças de Bismarck*, de 1899 (n. 82) e de Max Lehmann, *A guerra de 1870 até a inclusão de Metz segundo fontes francesas*, de 1873

(n. 29). Outra área, já apontada como uma das prediletas, a teoria da história, recebeu 15% do total de artigos. Sobressaem-se, nesse grupo, a publicação da conferência de Humboldt *Über die Aufgabe des Geschichtschreibers* (*A tarefa do historiador*) feita por Louis Erhardt em 1886 na HZ n.55, o texto de Max Lenz, *Lamprechts Deutsche Geschichte* (*A história alemã de Lamprecht*), de 1896 (n. 77), o artigo de Elimar Klebs *Eine französische Geschichtstheorie* (*Uma teoria histórica francesa*), de 1897 (n. 78) e ainda *Die neue historische Methode* (*O novo método histórico*), de Georg von Below, de 1898 (n. 81). Por fim, vêm empatados os estudos de história antiga e de história medieval, com 10% cada.



Na figura 7, é possível detectar as temáticas preferidas pelos historiadores que publicaram na *Historische Zeitschrift* durante o oitocentos. Tal como sugerem alguns intérpretes e reconhecem muitos daqueles historiadores, boa parte dos trabalhos (34%) são sobre o que se convencionou chamar de “histórias nacionais” – versando sobre fatos, personagens e eventos de diferentes países, em especial, germânicos –, que ocupam um terço da revista no período analisado. Mas, não era, somente, a história da Alemanha. Tratavam também da história da Inglaterra, da França, da Islândia, da Espanha, etc. Em seguida, vêm os textos sobre o pensamento de alguns autores, reunidos sob o título de história das ideias (13%), com artigos variados sobre o pensamento de Schleiermacher, de Sêneca, de Macaulay, de Gizot, de Leibniz, de Frederico II, de von Stein, de Maquiavel, de Lessing, dentre outros. Há, por exemplo, o artigo de Franz Wegele sobre Tocqueville, de 1868 (n. 20), ou o que trata das ideias de Burckhardt, redigido por Carl Neumann, de 1900 (n. 85). Depois, surgem os estudos de historiografia (11%) – como o de Karl Lamprecht,

Zum Unterschiede der älteren und jüngeren Richtungen der Geschichtswissenschaft (Diferenças entre as direções antigas e recentes da historiografia), de 1896 (n. 77) – e de história da cultura (10%). Nessa rubrica, por exemplo, há artigo de Karl Stark *Das Heidelberger Schloß in seiner kunst- und culturgeschichtlichen Bedeutung (O castelo de Heidelberg e sua importância para história da arte e da cultura)*, de 1861 (n. 6). Logo depois, aparecem os estudos de história das religiões (7%), com muitos artigos relacionados à Igreja medieval, à Reforma e à Contrarreforma. A história diplomática recebeu o equivalente a 6% dos artigos, tal como o de Adolf Wohlwill, *Zur Geschichte der diplomatischen Beziehungen zwischen Preußen und Frankreich (Da história das relações diplomáticas entre a Prússia e a França)*, de 1889 (n. 62). Mais atrás, há artigos sobre metodologia, sobre epistolografia e sobre história militar, que perfazem, respectivamente, 4% cada. Por fim, a história do direito ocupa uma fatia pequena, com apenas 2%, o que indica a sua pouca expressão junto à revista. Dentre esses artigos, há o de Carl von Hegel, filho do filósofo Georg Wilhelm Hegel, intitulado *Ein italienisches Stadtrecht des Mittelalters (Um direito de Estado italiano na Idade Média)*, de 1897 (n. 79).

Não resta dúvida que a *Historische Zeitschrift* tenha privilegiado a história política alemã, em um sentido mais restrito, bem como publicado muitos artigos devotados à história recente, deixando entrever seu envolvimento com os problemas de sua época. No entanto, a política estava na ordem do dia, de modo que aqueles historiadores não tinham como se furtar ao tema (GUILLAND 2006). Os constantes conflitos em torno da questão dos ducados, a guerra Franco-prussiana ou ainda as reformas de Bismarck mantiveram as questões políticas como um núcleo de preocupações mais centrais naquele contexto. Isso sem contar o calor das tensões verificadas em outros países europeus. Afinal, o século XIX pode ser identificado, sem nenhum engano, como um período de tensão permanente, uma “era de revoluções” (HOBSBAWM 1996).

É preciso ressaltar que se reconhece a necessidade de maiores estudos em torno da revista e de seu conteúdo, que foram, aqui, rapidamente, analisados, bem como a necessidade de se investigar as referências feitas, dentro dos próprios artigos, para se mapear, com maior propriedade, as orientações historiográficas presentes. Estas, em geral, são simpáticas ao historicismo e ao campo da história política sendo, por conseguinte, refratárias a outras tendências ou a outros recortes, algo perceptível desde sua origem até o veto, imposto por Friedrich Meinecke, às ideias de Karl Lamprecht e da sua Escola de Leipzig (cf. SCHORN-SCHÜTTE 1994). Pode-se dizer que o prestígio da *Historische Zeitschrift* foi proporcional às polêmicas historiográficas que suscitou e que acolheu. Não raro, veem-se réplicas e tréplicas em suas páginas. Esse espírito se manteve, durante todo o século XIX, e se ampliou, no século XX, pois não menos conturbada foi sua trajetória, durante o nazismo e após a Segunda Guerra Mundial. Nesse período, embora os editores Dehio e, depois, Schieder não tenham sido, explicitamente, defensores da administração de Hitler, foram demasiado tolerantes com o regime. Como se vê, as revistas

históricas podem ser instrumentos valiosos, não somente, para se reconhecer configurações historiográficas presentes em diferentes contextos no passado, como também expressam, inequivocamente, as inquietações dos historiadores no seu presente. Seja como fontes ou como objetos de investigação, elas permitem aos estudiosos identificar instâncias decisivas da operação historiográfica em frutíferos encontros com a escrita da história.

Referências bibliográficas

- BENTIVOGLIO, Julio. Cultura política e historiografia alemã no século XIX: a Escola Histórica Prussiana e a *Historische Zeitschrift*. **Revista de Teoria da História**, n.3, jun., p. 20-59, 2010a.
- BENTIVOGLIO, Julio. Apresentação. In: DROYSEN, J. G. **Manual de teoria da história**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BENTIVOGLIO, Julio. Apresentação. In: GERVINUS, G. G. **Fundamentos de teoria da história**. Petrópolis: Vozes, 2010 (b).
- BENTIVOGLIO, Julio. Ranke. In: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de História**. Porto Alegre / Rio de Janeiro: Edipucrs/ FGV, 2010c.
- BERNHEIM, Ernst. **Introducción al estudio de la historia**. Madrid: Editorial Labor, 1937.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1990.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma introdução à história**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- CONRAD, Christoph; CONRAD, Sebastian (Orgs.). **Die Nation schreiben: Geschichtswissenschaft im internationalen Vergleich**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.
- FUNARI, Pedro P. A.; SILVA, Glaydson. **Teoria da história**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- GALL, Lothar. 150 anos da *Historische Zeitschrift*. **Historische Zeitschrift**, n.289, p.23-61, 2009.
- GOOCH, G. P. **History and historians in the nineteenth century**. Boston: Beacon Press, 1959.
- GUILLAND, Antoine. **L'Allemande moderne e ses historiens**. New York: Elibron Books, 2006.
- HOBBSBAWM, E. J. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

- IGGERS, G. **The german conception of history**: the national tradition of historical thought from Herder to the present. London: Wesleyan University Press, 1988.
- JAEGER, Friedrich; RÜSEN, Jörn. **Geschichte des Historismus**. München: C.H.Beck, 1992.
- MARTINS, Estevão C. Rezende. Introdução: o renascimento da História como ciência. In: _____. **A história pensada**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MÜLLER-WIGGERSHAUS, Ursula. **Nationalsozialismus und Geschichtswissenschaft**: Die Geschichte der Historischen Zeitschrift und des Historischen Jahrbuchs 1933–1945. Hamburg: Kovac, 1998.
- SCHIEDER, Theodor. Die deutsche Geschichtswissenschaft im Spiegel der Historischen Zeitschrift. **Historische Zeitschrift**, n.189, p.1-104, 1959.
- SCHLEIER, Hans. **Geschichte der deutschen Kulturgeschichtsschreibung**. Bd. I: Vom Ende des 18. bis Ende des 19. Jahrhunderts. Leipzig: Walthrop, 2003.
- SCHORN-SCHÜTTE, Luise. **Karl Lamprecht**: Kulturgeschichtsschreibung zwischen Wissenschaft und Politik. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1994.
- 101 SCHULIN, Ernst (Org.). **Deutsche Geschichtswissenschaft nach dem Zweiten Weltkrieg 1945–1965**. München: DVA, 1989.
- SCHULZE, Winfried; OEXLE, Otto Gerhard (Orgs.). **Deutsche Historiker im Nationalsozialismus**. Frankfurt am Main: Fischer, 1999.
- SCHULZE, Winfried. **Deutsche Geschichtswissenschaft nach 1945**. München: DTV, 1989.
- SOUTHARDT, Robert. **Droysen and the formation of the Prussian school**. Lexington: University Press of Kentucky, 1995.